

## Artigos Originais

# <sup>1</sup>Características para especialização do goleiro de handebol: indicadores a partir do discurso de treinadores brasileiros da categoria sub-16<sup>2</sup>

Characteristics for the specialization of the handball goalkeeper: indicators from the brazilian coaches' speeches in the u-16 teams

Características para la especialización del portero de balonmano: indicadores del discurso de los entrenadores brasileños en la categoría sub-16



Felipe Modolo

Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, São Paulo, Brasil  
femodolo@alumni.usp.br



Rafael Pombo Menezes

Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, São Paulo, Brasil  
rafaelpombo@usp.br

**Resumo:** Estudos envolvendo goleiros de handebol foram realizados com atletas adultos (masculinos) e profissionais, mas ao se tratar de especialização há diferenças no processo de formação esportiva de jovens jogadores. Este estudo identificou as características para a especialização do goleiro de handebol a partir da opinião de treinadores da categoria sub-16. Dezenove treinadores de equipes masculinas e/ou femininas foram entrevistados. Os depoimentos foram analisados com base no método do Discurso do Sujeito Coletivo (DSC). Os cinco DSC destacaram, entre outros,

1 O presente trabalho não contou com apoio financeiro de nenhuma natureza para sua realização.

2 "Este artigo apresenta dados da dissertação de mestrado do primeiro autor (Felipe Modolo)".

o desenvolvimento da técnica específica a partir de um repertório motor variado junto à tomada de decisão, como características a serem enfatizadas durante a especialização, com vistas à compreensão e ao prazer pelo jogo.

**Palavras-chave:** desenvolvimento de jogadores; esporte coletivo; treinamento esportivo; goleiro de handebol.

**Abstract:** Studies involving handball goalkeepers were carried out with adult (male) and professional athletes but, when dealing with specialization, there are differences in the sports training process of young players. This study identified the characteristics for the specialization of the handball goalkeeper based on the speeches of U-16 teams' coaches. Nineteen male and/or female team coaches were interviewed. The speeches were analyzed based on the Collective Subject Discourse (CSD) method. The five CSD highlighted, among others, the development of a specific technique based on a varied motor repertoire along with decision-making, as characteristics to be emphasized during specialization, with a view to understanding and enjoying the game.

**Keywords:** athletes' development; sports specialization; sports training; handball Goalkeeper.

**Resumen:** Los estudios con porteros de balonmano se realizaron con atletas adultos (masculinos) y profesionales, pero en cuanto a la especialización, existen diferencias en el proceso de formación deportiva de jóvenes jugadores. Este estudio identificó las características para la especialización del portero de balonmano a partir de la opinión de los entrenadores de equipos sub-16. Se entrevistó a 19 entrenadores de equipos masculinos y femeninos. Los testimonios fueron analizados por el método del Discurso del Sujeto Colectivo (DSC). Los cinco DCS destacaron, entre otros, el desarrollo de una técnica específica basada en un variado repertorio

motor junto con la toma de decisiones, como características a enfatizar durante la especialización, así como la comprensión y el disfrute del juego.

**Palabras-clave:** desarrollo de jugadores; especialización deportiva; entrenamiento deportivo; portero de balonmano.

Submetido em: 09/12/2024

Aceito em: 17/02/2025

## 1 Introdução

No handebol, as equipes buscam cumprir os princípios operacionais inerentes a cada fase do jogo (Bayer, 1994). Na fase ofensiva, pode-se colocar como o principal objetivo a finalização ao gol, com conseqüente alteração no placar do jogo. Nas fases de transição ofensiva ou defensiva, as ações são desenvolvidas em contexto de desequilíbrio, uma vez que há a perda da posse da bola por uma equipe (que tenta retornar rapidamente) e a equipe que a ganha pode tentar atacar rapidamente para aproveitar vantagens espaço-temporais. Já na fase defensiva, a intenção principal é evitar o gol adversário por meio de ações dos defensores e, em última instância, pela atuação do goleiro (Arias Estero, 2009). Apesar de ser considerado um posto específico defensivo, o goleiro de handebol também participa das fases de transição e da fase ofensiva do jogo, especialmente, ao recuperar a bola e colocá-la em jogo, seja após uma defesa seja após o gol adversário (Arias Estero, 2009).

Para cumprir estes objetivos, o goleiro de handebol deve desenvolver diferentes características tático-técnicas, como a posição-base durante o jogo e suas técnicas de defesa (Arias Estero, 2009, Modolo; Menezes, 2019), os processos cognitivos relacionados à tomada de decisão (Matias; Greco, 2010), a identificação do braço de arremesso, as trajetórias dos atacantes e o local da quadra (Modolo; Menezes, 2019), além de uma preparação física e psicológica específica diante das demandas do jogo (Karpan *et al.*, 2015; Miranda, 2002). Contudo, é necessário ter atenção às características da fase de formação esportiva em que o goleiro está inserido, salientando as diferenças entre o contexto de crianças e jovens e o contexto de equipes adultas (Leonardo *et al.*, 2024).

Os estudos de temáticas relacionadas ao goleiro de handebol têm apresentado como tendência o contexto de equipes adultas masculinas de alto nível (Modolo; Beltramini; Menezes, 2018). A partir deste cenário, foram observadas lacunas relacionadas às

abordagens de ensino utilizadas, às expectativas de desempenho (diferenças entre o jovem jogador e o adulto) e à identificação das características para a formação do goleiro de handebol, desde a participação esportiva inicial até a especialização.

A especialização esportiva é uma etapa do processo de formação caracterizada pelo aumento da participação sistematizada em atividades de treinamento (Barbanti, 2005), contando com o aumento gradual das exigências competitivas e de entendimento do jogo. Nessa perspectiva, foi proposto o Modelo de Desenvolvimento de Participação Esportiva - DMSP (Côté; Baker; Abernethy, 2007; Côté; Erickson; Abernethy, 2013) que descreve três possíveis trajetórias esportivas, considerando os estágios de desenvolvimento dos jovens e as diferentes abordagens de ensino utilizadas. Cada etapa de desenvolvimento é pautada, dentre outros aspectos, pela relação entre os conceitos de jogo deliberado; prática deliberada; *play practice*; prática espontânea e participação em competições oficiais (Côté; Baker; Abernethy, 2007; Côté; Erickson; Abernethy, 2013).

O jogo deliberado é concebido como os diferentes jogos que são criados pelas crianças para diversão e podem conter regras adaptadas para manter a diversão pelo maior tempo possível. Pode caracterizar um grupo de crianças, que se reúne para jogar handebol no parque ou no intervalo da escola, fora de um contexto estruturado. Por outro lado, a prática deliberada é prescrita e monitorada por um adulto para melhorar o desempenho de uma habilidade específica ou do jogo. É característica de contextos de treinamento específicos para a melhoria do rendimento esportivo.

O conceito de *play practice* refere-se às atividades criadas por adultos a fim de manter a diversão durante o treino, mas com objetivo claro de ensino de determinado conteúdo do jogo. Aqui, difere-se do jogo deliberado também por assumir participação do adulto na criação da atividade, embora mantenha-se a premissa de que o jogo seja prazeroso para que as pessoas gostem e continuem praticando. O DMSP apresenta, ainda, outros tipos de ativi-

dade, como a prática espontânea e a participação em competições. Apesar de sua importância para a formação esportiva de crianças e jovens, essas atividades não são contempladas em contexto de treino e, por essa razão, não serão desenvolvidas neste estudo.

Além dos tipos de atividades citadas, o DMSP apresenta três trajetórias esportivas possíveis: participação esportiva por meio de ambientes diversificados; esporte de rendimento a partir de ambientes diversificados e o esporte de rendimento a partir da especialização esportiva precoce (Côté; Baker; Abernethy, 2007).

A trajetória de participação esportiva por meio de ambientes diversificados pressupõe que todo o processo de formação e participação esportiva das crianças e jovens esteja relacionada ao aprendizado do esporte a partir da motivação intrínseca dos participantes, com maior quantidade de jogo deliberado e pouca prática deliberada. Dessa forma, consiste em uma prática esportiva pouco sistematizada, que visa a longevidade da participação esportiva ao longo da vida como uma atividade de recreação e não como um trabalho (Côté; Baker; Abernethy, 2007; Côté; Lidor; Hackfort, 2009).

Em relação à trajetória do esporte de rendimento, a partir da prática diversificada, o início da participação esportiva é similar à trajetória de participação esportiva por meio de ambientes diversificados, ou seja, há grande quantidade de jogo deliberado, uma vez que se espera que as crianças possam brincar em diferentes ambientes, fora do contexto de treino, no que é chamado de *sampling years* (Côté; Baker; Abernethy, 2007).

Vale ressaltar que, no ambiente de treino, as crianças não vão para jogar livremente, há sempre uma proposta pedagógica envolvida, seja pela prática deliberada (método tradicional) ou pelo *play practice* (ensino por meio de jogos). Após os *sampling years*, apresentam-se mais duas fases: os *specialization years* (12-15 anos), no qual busca-se um equilíbrio entre a quantidade de jogo e a prática deliberada ainda com o envolvimento em diferentes esportes; e os *investment years* (a partir de 16 anos), que têm como principal

objetivo a melhora da performance, indicada para a especialização esportiva em uma única modalidade e possivelmente em determinados postos específicos.

A terceira trajetória esportiva apresentada no DMSP é do alto rendimento por meio da especialização esportiva precoce. Esta trajetória é diferente das anteriores, uma vez que a preocupação não é fomentar a participação, mas buscar o alto rendimento em um determinado esporte, desde as idades mais jovens, por meio de grandes quantidades de prática deliberada (Côté; Baker; Abernethy, 2007; Côté; Erickson; Abernethy, 2013; Rottensteiner, 2015). Aqui, há a preocupação em garantir resultados esportivos desde o início, projetando nas crianças as expectativas referentes à categoria adulta (Marques *et al.*, 2014). Contudo, há riscos como a perda da motivação para continuar praticando, o maior risco de lesão por sobrecarga de treinamento, a pouca variação das habilidades e tomadas de decisão e o possível abandono esportivo (Côté; Baker; Abernethy, 2007; Côté; Erickson; Abernethy, 2013; Rottensteiner, 2015).

Diante do referencial teórico apresentado e considerando o papel do treinador como um dos principais agentes envolvidos na formação esportiva, o objetivo deste estudo foi identificar as características para a especialização como goleiro de handebol, a partir da opinião de treinadores brasileiros da categoria sub-16.

## 2 Métodos

### 2.1 Abordagem e Desenho

Foi utilizada uma abordagem qualitativa pautada na busca pela identificação e atribuição de significados de um determinado grupo ou fenômeno social sobre determinado assunto (Triviños, 1987; Silveira; Córdova, 2009). Este estudo considerou a perspectiva dos participantes e a reflexividade do pesquisador sobre a temática (Flick, 2009) sem necessariamente comparar grupos, prever comportamentos ou provar um dado modelo (Ato; López; Benavente, 2013).

## 2.2 Participantes

Fizeram parte deste estudo 19 treinadores de handebol (13 homens; 6 mulheres) de equipes masculinas e femininas da categoria sub-16, que participaram de competições organizadas por duas ligas regionais de handebol do Estado de São Paulo (Brasil) com a presença de equipes/clubes que representavam os seus respectivos municípios. Como critério de inclusão, o treinador deveria ser responsável por uma equipe sub-16 participante em pelo menos uma das ligas, que foram escolhidas com a justificativa de possuírem grande abrangência territorial e proximidade entre os pesquisadores e os treinadores. Desse modo, foram identificados os contatos de 30 treinadores que correspondiam ao critério de inclusão, seja com equipes masculinas ou femininas. Foram feitas tentativas de contato inicial via ligação telefônica ou mensagens no aplicativo *WhatsApp* e todos os treinadores que responderam ao contato inicial aceitaram participar da pesquisa. Os treinadores que não responderam foram excluídos da amostra.

Por envolver entrevistas com treinadores, o projeto que originou este estudo foi submetido e aprovado por um Comitê de Ética em Pesquisa Institucional. No momento da entrevista, os treinadores assinaram um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, do qual receberam uma via que descrevia os objetivos, a garantia da utilização dos seus depoimentos estritamente para fins acadêmicos e o sigilo das informações pessoais.

A média de idade dos entrevistados foi de 40,8 anos ( $\pm 8,3$ ; mín:30; máx:55). Os participantes possuíam tempo médio de atuação profissional com o handebol de 15,9 anos ( $\pm 7,8$ ; mín:1,5; máx:30), em diferentes categorias e contextos (escolar, clubes, prefeituras municipais). Destaca-se que um dos treinadores entrevistados desenvolvia o trabalho exclusivo com o treinamento dos goleiros em uma das equipes. Em relação ao contexto de atuação, 13 treinadores dirigiram equipes de handebol no contexto escolar, 12 treinadores mencionaram que exerciam outra função profissional (além de treinador de handebol) e um desenvolvia atividade profissional fora da Educação Física.



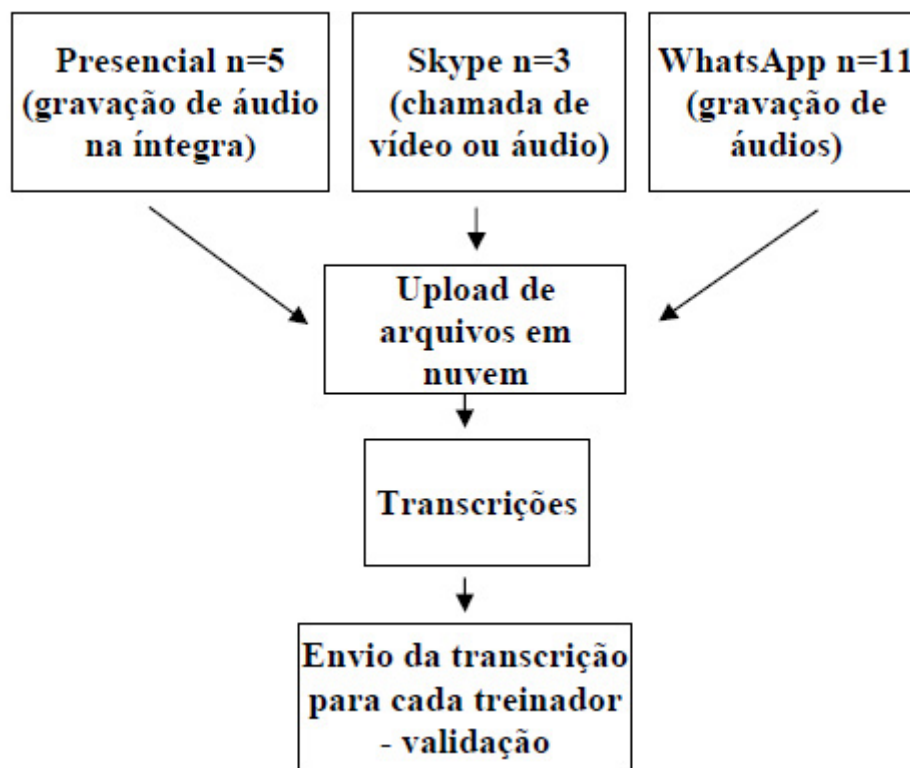
## 2.3 Procedimentos para as entrevistas e análise dos discursos

Foi utilizada a entrevista semiestruturada como instrumento da pesquisa qualitativa, por permitir a expressão do pensamento dos participantes sobre a temática específica de forma mais aprofundada (Thomaz; Nelson; Silverman, 2012). A entrevista semiestruturada utiliza-se de perguntas abertas, cujas questões pré-definidas são diretrizes relacionadas ao objetivo do estudo (Flick, 2009; Marconi; Lakatos, 2011; Thomaz; Nelson; Silverman, 2012). O participante é livre para responder às perguntas de acordo com o seu entendimento, enquanto o entrevistador pode desenvolver novas questões para aprofundar em temáticas específicas (Flick, 2009; Marconi; Lakatos, 2011; Thomaz; Nelson; Silverman, 2012).

O instrumento de entrevista utilizado neste estudo foi dividido em dois blocos: 1) dados pessoais, formação acadêmica e atuação profissional; 2) características para a especialização do goleiro da categoria sub-16 no handebol. Além disso, partiu-se da seguinte pergunta norteadora: “Na sua opinião, quais são as características que você considera para a especialização do goleiro de handebol?”.

Os procedimentos para a realização das entrevistas (Figura 1) pautaram-se na disponibilidade dos treinadores, não concorrendo com a sua atividade profissional. Por haver treinadores de diferentes regiões do estado de São Paulo e devido às limitações financeiras para o deslocamento, três possibilidades foram adotadas (Modolo; Menezes, 2019): entrevista presencial (*in loco*), via aplicativo de reunião on-line (caso não fosse possível o contato pessoal) e, em último caso, via aplicativo *WhatsApp* (quando ambas as alternativas anteriores não foram possíveis).

Figura 1 – Diagrama de realização das entrevistas



Fonte: Elaborado pelos próprios autores, 2024.

Na análise das entrevistas, foi utilizado o método do Discurso do Sujeito Coletivo (DSC), que consiste em tabular, analisar e interpretar, de forma qualitativa, as ideias de um mesmo grupo social provenientes das entrevistas, sem adotar critério de saturação (Lefèvre; Lefèvre, 2012). O DSC considera a discursividade característica do pensamento coletivo, desde a elaboração do instrumento de entrevista até o momento de apresentação dos resultados (Lefèvre; Lefèvre, 2012).

Esse método baseia-se principalmente em três figuras metodológicas: a) expressões-chave (ECH: trechos literais do discurso que revelam a sua essência); b) ideias centrais (IC: expressões que descrevem de forma sucinta e fidedigna o significado dos discursos analisados de cada grupo de ECH) e c) o próprio DSC ("discurso-síntese" que representa o pensamento de uma determinada comunidade sobre um determinado tema, a partir do agrupamen-

to das diferentes ECH com a mesma IC) (Lefèvre; Lefèvre, 2012). A elaboração dos DSC foi realizada por concordância consensual dos dois pesquisadores como forma de controle da qualidade dos dados (Anguera; Hernández-Mendo, 2013; Wright *et al.*, 2016).

### 3 Resultados

As respostas dos treinadores revelaram diferentes aspectos para a especialização do goleiro de handebol, cujos DSC estão apresentados no Quadro 1.

**Quadro 1 – IC e DSC referentes à questão: “Quais as características que você considera para a especialização do goleiro de handebol?”**

<b>IC- 1</b> Capacidades motoras (S1; S3; S6; S7; S8; S9; S10; S11; S12; S13; S14; S15; S17; S18; S19)	<b>DSC1:</b> Dentro das características principais, temos que trabalhar bastante a flexibilidade <sup>S6; S9; S10; S11; S12; S13; S14; S15; S17; S19</sup> e velocidade <sup>S1; S7; S13</sup> . No goleiro alto, eu tenho que trabalhar velocidade <sup>S1</sup> . O goleiro também tem que ter agilidade <sup>S3; S8; S9; S10; S11; S13; S14</sup> <sup>S18</sup> . Às vezes, é melhor você ter um goleiro pequeno, mas que seja flexível e rápido do que não ter nenhum <sup>S14</sup> . Temos que trabalhar também outras capacidades como a força e a potência muscular <sup>S6; S11; S12; S17</sup> .
<b>IC- 2</b> Vontade de jogar e coragem como pré-requisitos (S1; S2; S3; S4; S5; S6; S7; S8; S9; S10; S11; S12; S13; S14; S15; S16; S17)	<b>DSC2:</b> Primeiro, eu acho que tem que partir da criança <sup>S15</sup> , tem que ter coragem <sup>S1, S5, S6, S8, S9, S11, S12, S15, S16</sup> , porque a criança não pode ter medo da bola, e acho que essa é uma das principais características do goleiro <sup>S5, S6, S15</sup> . Mas é importante também o menino/menina querer e gostar de jogar no gol, demonstrar o interesse pela posição <sup>S3, S5, S7, S9, S13, S14</sup> . Na base, eu não faço nenhum trabalho para especializar o goleiro, mesmo porque tem muita criança querendo jogar no gol, querendo ter essa experiência <sup>S2; S4; S6; S12; S15</sup> . A coragem é difícil de passar para a criança, creio que é uma coisa que já vem com ela <sup>S6</sup> . Os goleiros que a gente vem formando ao longo dos anos são em sua grande maioria, concentrados, equilibrados <sup>S10</sup> . O goleiro tem que ser um jogador com um pouco mais de atitude, tem que ter um temperamento mais forte <sup>S6, S7</sup> , e tem que ser esforçado <sup>S17</sup> , porque eu não gosto de goleiro que fica muito parado <sup>S7</sup> .
<b>IC- 3</b> Estatura e envergadura (S1; S2; S3; S7; S8; S9; S10; S11; S13; S14; S15; S17; S18)	<b>DSC3:</b> Se fosse para falar daquilo que eu gostaria de ter nos meus goleiros, seria uma boa altura <sup>S1, S2, S3, S7, S8, S9, S10, S11, S13, S14, S15, S17, S18</sup> . É a primeira coisa que eu olho, porque o goleiro não pode ser muito baixo, senão fica muito difícil <sup>S1, S8, S17</sup> . Alguns aspectos físicos são desejáveis, para além da altura, é importante também o goleiro ter uma boa envergadura <sup>S7, S13</sup> .

<p><b>IC- 4</b> Técnica específica como pré-requisito (S4; S5; S6; S7; S9; S12; S13; S15; S16; S19)</p>	<p><b>DSC4:</b> Eu acho que, para começar, ele precisa ter um bom conhecimento de habilidades motoras, ter uma boa coordenação motora<sup>S7,S9,S12</sup>. E aí, desenvolver as características técnicas básicas que eu acho mais importante que são as ações técnicas, as figuras técnicas para cada zona de arremesso, bolas baixas, médias e altas<sup>S4,S5,S6,S13,S19</sup>, a posição base com as mãos próximas ao rosto<sup>S5,S6</sup>, tendo que crescer e ocupar espaço nas situações de arremesso de 6m ou pivô<sup>S6</sup>. O goleiro tem que saber todos os movimentos técnicos e executá-los a perfeição. Após aprender isso, temos que trabalhar com a questão da visão periférica<sup>S16</sup> para que ele seja capaz de ter um bom campo visual e consiga observar o posicionamento dos colegas para contra-ataque, além da questão da velocidade de reação, que é facilmente treinável<sup>S13,S15,S16,S19</sup>.</p>
<p><b>IC- 5</b> Tomada de decisão (S2; S4; S5; S6; S7; S10; S12; S13; S15; S16; S17)</p>	<p><b>DSC5:</b> É importante você pensar na questão de repertório motor, em ter outras vivências, porque quando ele chegar no momento da especialização, já vai ter uma bagagem motora mais ampla. Nas categorias menores, a criança tem que vivenciar o trabalho de goleiro e vivenciar o trabalho da linha para observar as características de cada um<sup>S4,S5,S6,S15</sup>. Ele tem que ter um bom posicionamento dentro do gol<sup>S2,S6,S7</sup> para que ele induza o atacante ao erro. Então, para isso acontecer, o goleiro tem que ser inteligente<sup>S7,S16,S17</sup>, porque para você induzir uma pessoa não é fácil, principalmente com uma pessoa que você não conhece, que é o adversário<sup>S16</sup>. O bom goleiro é aquele que consegue ter uma boa leitura de jogo<sup>S6,S10,S12,S13</sup>, defendendo as bolas e mapeando os locais de finalização do adversário, visualizando o movimento do braço de arremesso do atacante, mesmo considerando isso difícil, eu procuro ensinar isso também<sup>S12</sup>. O goleiro tem que trabalhar essa parte de ganhar do jogador com a bola, ou seja, para mim, a tomada de decisão do goleiro é a principal característica que eu busco<sup>S10</sup>, para fazer uma finta<sup>S7</sup>, saber quando ele deve explodir, saber analisar o movimento técnico do adversário para embasar a sua decisão em cima disso<sup>S6,S10,S12,S13</sup> ou para conseguir jogar em conjunto com a defesa, definindo que a defesa é responsável por fechar uma trajetória e o goleiro é responsável pela outra<sup>S10</sup>.</p>

Fonte: Elaborado pelos próprios autores, 2024.

## 4 Discussão

O objetivo deste estudo foi identificar as características para a especialização do goleiro de handebol, apontadas pelos treinadores da categoria sub-16 que participaram de duas ligas no Estado de São Paulo. Após a entrevista, foram apontados como principais achados o desenvolvimento das capacidades motoras condicionantes, a vontade de jogar e a coragem, a estatura e a envergadura, a técnica específica e a tomada de decisão do goleiro. Devido à especificidade das características apontadas, algumas temáticas foram discutidas separadamente (DSC1, DSC2 e DSC3) enquan-

to outras de forma conjunta (DSC4 e DSC5). O que não significa menosprezar a interdependência entre as diferentes capacidades que compõem a formação esportiva do goleiro de handebol.

Os aspectos mencionados no DSC1 apontam para o desenvolvimento de capacidades motoras condicionantes (Gallahue; Ozmun, 2005) dos goleiros, como flexibilidade, velocidade, agilidade e força (representada no DSC pela potência muscular). Salienta-se a importância da preparação física (Karpan *et al.*, 2015) e do desenvolvimento das capacidades supracitadas, acrescentando-se a estas a capacidade de resistência específica do goleiro (Antúnez Medina, 2003; Arias Estero, 2009; Espina-Agullo *et al.*, 2016). No decorrer dos anos, a velocidade das ações de jogo no handebol tem aumentado (Espina-Agullo *et al.*, 2016), o que requer respostas rápidas e eficazes às ações do adversário. Se, por um lado, há o envolvimento de diferentes capacidades condicionantes (DSC1), por outro, há a preocupação com a eficácia dos movimentos por meio da dependência dos aspectos táticos (DSC5), o que reforça a capacidade de tomada de decisão e da execução de técnicas específicas (DSC4) que proporcionem a defesa, ressaltando a indissociabilidade de tais características.

Destaca-se que o desenvolvimento das capacidades motoras citadas deve respeitar as fases de crescimento e desenvolvimento dos jovens dessa categoria e não pela perspectiva da categoria adulta (Antúnez Medina, 2003; Arias Estero, 2009; Justin *et al.*, 2013; Karcher; Buchheit, 2014; Karpan *et al.*, 2015; Espina-Agullo *et al.*, 2016). O planejamento e a periodização devem evitar o maior risco de lesões relacionadas à utilização de sobrecargas excessivas, além de possíveis riscos relacionados à especialização esportiva precoce, como a perda de motivação, o abandono da prática e a menor participação em situações variadas de jogo (Menezes; Marques; Nunomura, 2014). Contudo, não se deve pensar o processo de formação do goleiro de handebol apenas na perspectiva das capacidades motoras, sendo necessário considerar que a formação de crianças e jovens envolve outros aspectos, como as características psicológicas, antropométricas e tático-técnicas.

O DSC2 aponta algumas características psicológicas importantes para buscar o alto rendimento esportivo como goleiro de handebol (Sá *et al.*, 2015), como a coragem e a vontade para ser goleiro. Considerando que os esportes coletivos têm característica de especialização tardia (Balyi; Hamilton, 2004) e que, muitas vezes, o início da prática do handebol ocorre tardiamente (Menezes, 2010), alguns treinadores deixam os próprios atletas escolherem onde gostariam de jogar (DSC2) como uma forma de estimular o gosto pela prática e evitar o seu abandono, o que se alinha às premissas do DMSP. A especialização deve ser entendida como uma parte do processo de formação esportiva e não apenas como um fim em si mesmo.

A coragem é apontada pelo DSC2 como uma das principais características psicológicas do handebol por diferentes razões, como a superação do medo de que a bola atinja o rosto ou as partes íntimas e cause dor, além do medo de errar em um momento decisivo do jogo e demonstrar uma tendência em se autoculpar pelo resultado negativo da equipe (Miranda, 2002; Antúnez Medina, 2003). No DSC2, a coragem é apontada como uma capacidade inata ao jovem. Contudo, ao considerá-la assim, o treinador nada poderia fazer para mudar este panorama. O que vai de encontro à premissa do DMSP, no qual a ideia inicial é estimular a motivação do jovem para praticar esporte, fortalecendo o seu engajamento por vários anos (Côté; Baker; Abernethy, 2007; Côté; Lidor; Hackfort, 2009), uma vez que esse estímulo, para a continuidade da prática esportiva, deve vir do próprio ambiente de treino, mediado pelo treinador. Promover um ambiente de prática prazeroso para o jogador e entender quais são os conteúdos necessários e possíveis de se desenvolver em cada categoria podem ser aspectos fundamentais para que os goleiros tenham a confiança necessária para enfrentar situações de erro durante as partidas, de projetar o próprio corpo frente a arremessos potentes e, dessa forma, construir o conceito da coragem, citada no DSC2.

No trecho final do DSC2, os treinadores também apontam algumas características de comportamento do goleiro, como a concentração, o equilíbrio emocional e “ser esforçado para não ficar

parado durante o jogo". Assim como a coragem e a vontade de jogar, o desenvolvimento da concentração dependerá do ambiente de prática criado pelo treinador para o ensino do handebol, sendo que esta é uma capacidade que está associada ao processamento da informação que subsidiará a tomada de decisão do goleiro (Matias; Greco, 2010). Da mesma forma, o "ser esforçado" pode ser uma característica importante para qualquer atleta. No entanto, os treinadores do DSC2 relacionam tais aspectos com comportamentos de jogo, demonstrando uma preferência por um goleiro que se movimenta mais e que tenha "atitude e temperamento fortes". Neste sentido, é preciso ter a clareza de que o esforço do jogador não pode estar associado à forma como ele desenvolve os conteúdos específicos do handebol, mas a partir das suas características individuais e do seu entendimento do jogo, criando um estilo único. Logo, movimentar-se mais ou menos não deve ser uma característica associada ao esforço do jogador.

Das características apontadas, o "querer ser goleiro" deve ser a primeira característica a se observar para o processo de especialização deste posto específico. Dessa forma, é fundamental que todos os postos específicos do jogo sejam vivenciados por todos os jogadores, para fornecer mais subsídios para a decisão de "querer" jogar como goleiro de handebol, corroborando o referencial do DMSP (Côté; Baker; Abernethy, 2007).

Enquanto a vontade do jovem jogador em se tornar goleiro de handebol pode ser vista como um critério para a especialização, o DSC3 aponta a estatura e a envergadura como características importantes deste processo. Justin *et al.* (2013) ao analisarem se a estatura seria um fator de bom desempenho para os goleiros de handebol, após a realização de testes motores, perceberam que tanto os goleiros mais altos (1,93m) quanto os goleiros mais baixos (1,85m) obtiveram resultados muito similares, não apresentando diferenças significativas. Além disso, citam a importância de incluir no processo de formação de jogadores os aspectos relacionados com o desempenho das habilidades motoras, que são os fatores em que os goleiros mais baixos se apoiam para conseguir uma boa performance (Justin *et al.*, 2013).



Ao contrário do que aponta o DSC3, não se deve utilizar a estatura e a envergadura como fatores de especialização do goleiro de handebol, uma vez que estes não são treináveis e não são determinantes para o desempenho do goleiro (Justin *et al.*, 2013), o que não nega a sua influência em outros aspectos relevantes, como a construção da técnica individual e a tomada de decisão. Pensando na categoria sub-16, é preciso lembrar que nessa faixa etária ocorrem mudanças intensas relacionadas ao processo de maturação do corpo humano e que essas mudanças não ocorrem de forma linear para todos os jovens jogadores, podendo haver diferenças entre os níveis de crescimento e desenvolvimento de acordo com a idade cronológica (Malina; Bouchard; Bar-Or, 2009) e a etapa de participação esportiva a que o jogador se encontra.

É preciso reforçar que não se nega a influência das medidas de estatura e envergadura na formação do goleiro, uma vez que elas podem influenciar o aprendizado das características tático-técnicas. No entanto, dizer que o desempenho do goleiro deverá ser melhor apenas por ser mais alto, desconsiderando todo o seu arcabouço tático-técnico e de experiências de treino e jogo, não é adequado, e isso não deve ser apontado como uma diretriz para se especializar como goleiro.

Embora diferentes características estejam relacionadas ao desempenho do goleiro, para cumprir a função de evitar o gol é necessário defender a bola com qualquer parte do corpo. Sobre este aspecto, o discurso dos treinadores do DSC4 aponta a técnica específica como um pré-requisito para o desempenho do goleiro, ressaltando a importância da coordenação motora, do desenvolvimento da posição-base e das técnicas específicas de defesa, corroborando com a literatura específica do handebol (Antúñez Medina; Garcia Parra, 2008; Arias Estero, 2009; Modolo; Menezes, 2019).

Já no DSC5, os treinadores apontaram o posicionamento do goleiro, a leitura de alguns sinais relevantes, como o braço e as zonas de arremesso preferidas pelo adversário, a execução de fintas pelo goleiro e o trabalho colaborativo com a defesa como as características táticas importantes para se especializar como goleiro de



handebol. Apesar da separação nos DSC4 e DSC5 como um recurso metodológico para analisar o discurso dos treinadores, não há indissociabilidade destes aspectos no jogo. Por esta razão, ambos os DSC serão discutidos de forma conjunta.

Ao considerar o domínio das ações tático-técnicas do goleiro, o jogador não pode apenas aprender os movimentos de forma isolada das situações de jogo. Ele deve ser capaz de adaptar a técnica de acordo com a situação enfrentada (Torregrosa; Chamorro; Ramis, 2016). Assim, o desenvolvimento de uma posição-base, por exemplo, é uma técnica importante para aprender a jogar como goleiro, o que não significa dizer que exista apenas uma única forma de executar tal posição (Modolo; Menezes, 2019). O mesmo raciocínio pode ser estendido às demais técnicas específicas do goleiro de handebol, citadas no DSC4. Contudo, é preciso reforçar que tal domínio técnico deve ser visto como um objetivo a longo prazo, logo, não será alcançado já na categoria sub-16 (Côté; Baker; Abernethy, 2007; Côté; Lidor; Hackfort, 2009). Essa é uma categoria em que se espera um aumento da complexidade das ações tático-técnicas de forma progressiva (Torregrosa; Chamorro; Ramis, 2016), associando aos movimentos específicos a capacidade de tomada de decisão.

De forma prática, a tomada de decisão traduz-se como a capacidade do goleiro de selecionar a ação tático-técnica necessária para responder de forma efetiva a uma situação de jogo específica (Pascual Fuertes; Peña Barceló, 2006). O desenvolvimento da tomada de decisão necessita, essencialmente, da vivência de diferentes situações de treino e jogo (Garganta, 2009), de forma que tais experiências auxiliem na construção de um repertório de ações tático-técnicas que o goleiro aprendeu até determinado momento. Assim, não há como exigir ou desenvolver a tomada de decisão do goleiro sem submetê-lo a situações que o estimulem a pensar sobre o jogo, considerando o seu repertório tático-técnico e as interações que acontecem com o adversário e com os colegas de equipe. De acordo com a caracterização proposta pelo DMSP, para a categoria sub-16, há um aumento de atividades mais siste-

matizadas e da complexidade técnica (prática deliberada), salientada pelo DSC4, mas também deve haver o aumento de atividades pautadas no ensino por meio de jogos, proporcionando situações de treino nas quais o próprio goleiro sinta a necessidade de buscar “como” defender, associando a importância da técnica específica com a sua capacidade tática (Graça; Mesquita, 2015).

É preciso salientar que se especializar como goleiro de handebol compreende o aprendizado dos princípios do posto específico, a construção da técnica individual e da tomada de decisão de forma mais aprofundada, com o objetivo de melhorar o rendimento progressivamente. Para aprender a jogar como goleiro, os aspectos tático-técnicos devem possuir maior relevância em uma perspectiva de longo prazo. No entanto, o rendimento do goleiro é influenciado por diferentes fatores, como aqueles mencionados nos discursos dos treinadores, tais como as capacidades de força, flexibilidade e agilidade, além de aspectos antropométricos como a estatura e a envergadura. Essas características não devem ser entendidas como determinantes para a escolha do posto específico do goleiro de handebol, especialmente na categoria sub-16, mas como alicerces para melhorar a execução das técnicas específicas e da tomada de decisão durante o jogo, de acordo com as características de cada jogador e respeitando a etapa de formação em que este se encontra, sem estabelecer estereótipos inerentes à categoria adulta (Leonardo *et al.*, 2024).

## 5 Considerações finais

O objetivo deste estudo foi identificar as características para a especialização como goleiro de handebol na categoria sub-16. Utilizando o referencial teórico do DMSP e a partir dos discursos dos treinadores entrevistados, acredita-se que as características tático-técnicas devem ser os principais fatores de especialização para o goleiro de handebol. Ainda que os treinadores entrevistados tenham apontado diversos aspectos relevantes para o rendi-

mento do goleiro, sugerimos que as características tático-técnicas em conjunto com a tomada de decisão devem possuir maior relevância no processo de especialização.

Considerando a categoria sub-16 como uma etapa intermediária e não como o final da trajetória esportiva, entende-se que o desenvolvimento das ações tático-técnicas pode ser planejado de forma progressiva desde as primeiras etapas de participação esportiva e considerando os princípios operacionais dos jogos esportivos coletivos. Fatores não treináveis, como a estatura e a envergadura, não impedem um jogador de desenvolver os aspectos tático-técnicos para ocupar o posto de goleiro de handebol, apesar de influenciarem na construção da técnica individual e da tomada de decisão.

O treinamento de capacidades como a flexibilidade e as diferentes manifestações da força deve respeitar o processo de crescimento e maturação do jogador, que pode não ocorrer exatamente na categoria sub-16. A vontade de jogar como goleiro, a criação de um ambiente de prática prazeroso, desafiador e motivador também são imprescindíveis para a continuidade da participação esportiva do jovem jogador, como preconiza o DMSP. Destaca-se que o rendimento do goleiro pode ser influenciado por diferentes fatores, contudo, são os fatores tático-técnicos, a tomada de decisão e o entendimento dos princípios do posto específico que vão, de fato, promover a especialização do goleiro, sendo determinantes para este processo.

Este estudo discutiu as características apontadas com o referencial teórico do DMSP em relação à trajetória competitiva a partir de ambientes diversificados. No entanto, tal modelo foi construído a partir de entrevistas e não da observação dos treinos. Logo, não é possível afirmar se aquilo que os treinadores falaram é o que realmente acontece na prática, sendo esta uma limitação do estudo.

Apresentam-se como aplicações práticas deste estudo a indicação de diretrizes para auxiliar os treinadores em seus planejamentos de treino e na compreensão do processo de formação esportiva como um todo, suscitando a ideia de formação do goleiro

de handebol em longo prazo a partir de ambientes diversificados e que considerem as características individuais de cada jogador, adaptando o ensino da técnica de forma indissociável da tática e estimulando o jogador a entender o jogo.

Construir um estudo a partir da opinião de treinadores sobre a formação do goleiro de handebol vem para preencher uma lacuna na literatura e visa a tornar o estudo mais representativo para os mesmos. Como perspectiva de estudos futuros, a investigação da relação entre o discurso dos treinadores e a observação da sua prática, durante as sessões de treino, parece ser promissora e pode levar à elaboração de propostas concretas para o treinamento e especialização do posto específico.

## Referências Bibliográficas

ANGUERA, M. T.; HERNÁNDEZ-MENDO, A. H. La metodología observacional en el ámbito del deporte. **E-balonmano.com: Revista de Ciencias del Deporte**, Mérida, v. 9, n. 3, p. 135-160, 2013. Disponível em: <https://diposit.ub.edu/dspace/bitstream/2445/108477/1/629241.pdf>. Acesso em: 28 fev. 2025.

ANTÚNEZ MEDINA, A. **La interceptación en la portera de balonmano**: efectos de un programa de entrenamiento perceptivo-motriz. 2003. 360 f. Tese (Doutorado em Psicologia) – Facultad de Psicología, Departamento de Psicología Básica y Metodología, Universidad de Murcia, Murcia, 2003.

ANTÚNEZ MEDINA, A.; GARCIA PARRA, M. M. La Especificidad en la Condición Física del Portero de Balonmano. **E-balonmano.com: Revista de Ciencias del Deporte**, Mérida, v. 4, n. 1, p. 5-12, 2008. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/865/86540102.pdf>. Acesso em: 28 fev. 2025.

ARIAS ESTERO, J. L. El Portero de Balonmano. **Revista Internacional de Deportes Colectivos**, Madrid, n. 4, p. 14-34, 2009. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=3207939>. Acesso em: 28 fev. 2025.

ATO, M.; LÓPEZ, J. J.; BENAVENTE, A. Un sistema de clasificación de los diseños de investigación en psicología. **Anales de Psicología**, Murcia, v. 29, n. 3, p. 1038-1059, 2013. DOI: 10.6018/analesps.29.3.178511. Disponível em: [https://scielo.isciii.es/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0212-97282013000300043](https://scielo.isciii.es/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0212-97282013000300043). Acesso em: 28 fev. 2025.

BALYI, I.; HAMILTON, A. Long-term Athlete Development: Trainability in Childhood and Adolescence. **Olympic coach**, [s. l.], v. 16, n. 1, p. 4-9, 2004. Disponível em: <https://citeseerx.ist.psu.edu/document?repid=rep1&type=pdf&doi=6a67bb6e38351b32a39bc43e43789ef4812cf1ec>. Acesso em: 28 fev. 2025.

BARBANTI, V. J. **Formação de jovens sportistas**. São Paulo: Manole, 2005.

BAYER, C. **O ensino dos desportos colectivos**. Lisboa: Dinalivros, 1994.

CÔTÉ, J.; BAKER, J.; ABERNETHY, B. Practice and play in the development of sport expertise. *In*: EKLUND, R.; TENENBAUM, G. (ed.). **Handbook of Sport Psychology**. Hoboken: Wiley, 2007. p. 184-202.

CÔTÉ, J.; ERICKSON, K.; ABERNETHY, B. Play and practice during childhood. *In*: CÔTÉ, J.; LIDOR, R. (ed.). **Conditions of children's talent development in sport**. Morgantown: Fitness Information Technology, 2013. p. 9-20.

CÔTÉ, J.; LIDOR, R.; HACKFORT, D. ISSP position stand: To sample or to specialize? Seven postulates about youth sport activities that lead to continued participation and elite performance. **International Journal of Sport and Exercise Psychology**, [s. l.], v. 7, n. 1, p. 7-17, 2009. DOI: 10.1080/1612197X.2009.9671889. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/1612197X.2009.9671889>. Acesso em: 28 fev. 2025.

ESPINA-AGULLO, J. J.; PEREZ-TURPIN, J. A.; JIMÉNEZ-OLMEDO, J. M.; PENICHER-TOMÁS, A.; PUEO, B. Effectiveness of male handball goalkeepers: a historical overview 1982-2012. **International Journal of Performance Analysis in Sport**, Cardiff, v. 16, n. 1, p. 143-156, 2016. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/24748668.2016.11868877>. Acesso em: 28 fev. 2025.

FLICK, U. **Introdução à pesquisa qualitativa**. 3. ed. São Paulo: Artmed Editora, 2009.

GALLAHUE, D. L.; OZMUN, J. **Compreendendo o desenvolvimento motor**. 7. ed. São Paulo: Phorte, 2005.

GARGANTA, J. Trends of tactical performance analysis in team sports: bridging the gap between research, training and competition. **Revista Portuguesa de Ciências do Desporto**, Porto, v. 9, n. 1, p. 81-89, 2009. DOI: 10.5628/rpcd.09.01.81. Disponível em: [https://rpcd.fade.up.pt/\\_arquivo/artigos\\_soltos/vol.9\\_nr.1/2.01.pdf](https://rpcd.fade.up.pt/_arquivo/artigos_soltos/vol.9_nr.1/2.01.pdf). Acesso em: 28 fev. 2025.

GRAÇA, A.; MESQUITA, I. Modelos e concepções de ensino dos jogos desportivos. In: TAVARES, F. (ed.). **Jogos desportivos colectivos: ensinar a jogar**. 2. ed. Porto: Editora FADEUP, 2015. p. 9-54.

JUSTIN, I.; VULETA, D.; PORI, P.; KAYTNA, T. Are taller handball goalkeepers better? Certain characteristics and abilities of Slovenian male athletes. **Kinesiology**, Zagreb, v. 45, n. 2, p. 252-261, 2013. Disponível em: <https://hrcak.srce.hr/file/166533>. Acesso em: 28 fev. 2025.

KARCHER, C.; BUCHHEIT, M. On-court demands of elite handball, with special reference to playing positions. **Sports Medicine**, [s. l.], v. 44, n. 6, p. 797-814, 2014. DOI: 10.1007/s40279-014-0164-z. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/24682948/>. Acesso em: 25 fev. 2025.

KARPAN, G.; SKOF, B.; BON, M.; SIBILA, M. Analysis of female handball players effort in different playing positions during official matches. **Kinesiology**, Zagreb, v. 47, n. 1, p. 100-107, 2015. Disponível em: <https://hrcak.srce.hr/file/206961>. Acesso em: 28 fev. 2025.

LEFÈVRE, F.; LEFÈVRE, A. M. **Pesquisa de representação social: um enfoque quali-quantitativo**. Brasília: Liber Livro Editora, 2012.

LEONARDO, Lucas. SENA, A. K. S.; FONTES, A. M. P.; SENA, A. B. S.; KRANENBÜHL, T.; SCAGLIA, A. J. Competições modificadas no handebol infanto juvenil: relações entre os sistemas defensivos zonais obrigatórios, a lógica defensiva e formação esportiva. **Revista Eletrônica de Ciências Humanas**, Pindamonhangaba, v. 7, n. 1, p. 12-26, 2024. Disponível em: <https://revistaeletronicafunvic.org/index.php/c14ffd11/article/view/497/338>. Acesso em: 28 fev. 2025.

MALINA, R. M.; BOUCHARD, C.; BAR-OR, O. **Crescimento, maturação e atividade física**. 3. ed. São Paulo: Phorte, 2009.

MARCONI, M. A.; LAKATOS, E. M. **Metodologia científica**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2011.

MARQUES, R. F. R.; LIMA, C. P.; MORAES, C.; NUNOMURA, M.; SIMÕES, E. C. Formação de jogadores profissionais de voleibol: relações entre atletas de elite e a especialização precoce. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, São Paulo, v. 28, n. 2, p. 293-304, 2014. DOI: <https://doi.org/10.1590/1807-55092014000200293>. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/1807-55092014000200293>. Acesso em: 28 fev. 2025.

MATIAS, C. J. A. S.; GRECO, P. J. Cognição e ação nos jogos esportivos coletivos. **Ciências & Cognição**, Rio de Janeiro, v. 15, n. 1, p. 252-271, 2010. Disponível em: [https://www.cienciasecognicao.org/pdf/v15\\_1/m123\\_09.pdf](https://www.cienciasecognicao.org/pdf/v15_1/m123_09.pdf). Acesso em: 28 fev. 2025.



MENEZES, R. P. O ensino dos sistemas defensivos do handebol: considerações metodológicas acerca da categoria cadete. **Pensar a Prática**, Goiânia, v. 13, n. 1, p. 115, 2010. DOI: 10.5216/rpp.v13i1.7269. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/fef/article/view/7269>. Acesso em: 28 fev. 2025.

MENEZES, R. P.; MARQUES, R. F. R.; NUNOMURA, M. Especialização esportiva precoce e o ensino dos jogos coletivos de invasão. **Movimento**, Porto Alegre, v. 20, n. 1, p. 351-373, 2014. DOI: 10.22456/1982-8918.40200. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/Movimento/article/view/40200>. Acesso em: 28 fev. 2025.

MIRANDA, R. O. Medo, a Coragem e a Motivação no Treinamento do Goleiro de Handebol. *In*: GRECO, P. J. (ed.). **Caderno do Goleiro de Handebol**. Belo Horizonte: Philippka Verlag Munster, 2002. p. 187-202.

MODOLO, F.; BELTRAMINI, L.; MENEZES, R. P. Revisão sistemática sobre o processo de ensino e de análise do goleiro de handebol. **Cuadernos de Psicología del Deporte**, Murcia, v. 18, n. 3, p. 234-251, 2018. Disponível em: <https://www.redalyc.org/journal/2270/227068106017/html/>. Acesso em: 28 fev. 2025.

MODOLO, F.; MENEZES, R. P. Características técnico-táticas dos goleiros de handebol da categoria sub-16: opinião de treinadores brasileiros. **Cuadernos de Psicología del Deporte**, Murcia, v. 19, n. 1, p. 206-221, 2019. Disponível em: <https://www.redalyc.org/journal/2270/227064709016/html/>. Acesso em: 28 fev. 2025.

PASCUAL FUERTES, X.; PEÑA BARCELÓ, R. El portero de balonmano: una aplicación práctica de entrenamiento perceptivo-decisional ante lanzamientos de primera línea. **Apunts: Educación Física y Esports**, Barcelona, v. 84, 2º trimestre, p. 66-75, 2006. Disponível em: <https://raco.cat/index.php/ApuntsEFD/article/view/300831/390278>. Acesso em: 28 fev. 2025.



ROTTENSTEINER, C. **Young Finnish Athletes' Participation in Organized Team Sports**. 2015. 95 f. Dissertation (Master in Sport, Physical Education and Health) – Faculty of Sport and Health Sciences, University of Jyväskylä, Jyväskylä, 2015. Disponível em: [https://jyx.jyu.fi/bitstream/handle/123456789/47738/978-951-39-6329-3\\_vaitos\\_20151114.pdf?sequence=1](https://jyx.jyu.fi/bitstream/handle/123456789/47738/978-951-39-6329-3_vaitos_20151114.pdf?sequence=1). Acesso em: 28 fev. 2025.

SÁ, P.; GOMES, R.; SAAVEDRA, M.; FERNANDEZ, J. Percepción de los porteros expertos en balonmano de los factores determinantes para el éxito deportivo. **Revista de Psicología del Deporte**, Barcelona, v. 24, n. 1, p. 21-27, 2015. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/2351/235139639003.pdf>. Acesso em: 28 fev. 2025.

SILVEIRA, D. T.; CÓRDOVA, F. P. A pesquisa científica. In: GERHARDT, T. E.; SILVEIRA, D. T. (ed.). **Métodos de Pesquisa**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009. p. 31-42.

THOMAZ, J. R.; NELSON, J. K.; SILVERMAN, S. J. **Métodos de pesquisa em atividade física**. 6. ed. Porto Alegre: Artmed, 2012.

TORREGROSA, M.; CHAMORRO, J. L.; RAMIS, Y. Transición de júnior a sénior y promoción de carreras duales en el deporte: una revisión interpretativa. **Revista de Psicología Aplicada al Deporte y al Ejercicio Físico**, Barcelona, v. 1, n. 6, p. 1-11, 2016. DOI: <https://doi.org/10.5093/rpadef2016a6>. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=8648185>. Acesso em: 28 fev. 2025.

TRIVIÑOS, A. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação**. 1. ed. São Paulo: Atlas, 1987.

WRIGHT, C.; CARLING, C.; LAWLOR, C.; COLLINS, D. Elite football player engagement with performance analysis. **International Journal of Performance Analysis in Sport**, [s. l.], v. 16, n. 3, p. 1007-1032, 2016. DOI: [10.1080/24748668.2016.11868945](https://doi.org/10.1080/24748668.2016.11868945). Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/24748668.2016.11868945>. Acesso em: 28 fev. 2025.

## Publisher

Universidade Federal de Goiás. Faculdade de Educação Física e Dança. Publicação no Portal de Periódicos UFG. As ideias expressadas neste artigo são de responsabilidade de seus autores, não representando, necessariamente, a opinião dos editores ou da universidade.